



Recursos midiáticos aplicados à formação profissional: educação a distância na área da saúde

Resources media applied to vocational training: e-learning in health area

Gabriela Eyng Possolli^[a], Rosiane Guetter Mello Zibetti^[b]

^[a] Doutora em Educação, coordenadora de EAD na Faculdade Pequeno Príncipe, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: profgabisenar@gmail.com

^[b] Doutora em Ciências, diretora de pesquisa e pós-graduação da Faculdade Pequeno Príncipe, Curitiba, PR - Brasil, e-mail: rosigmello@hotmail.com

Resumo

As mudanças nos paradigmas da comunicação implicam em avanços na área da educação, sob esta ótica que comunicação é educação, a evolução em uma das áreas possibilita uma modificação em outra. Nas últimas décadas os avanços tecnológicos tem instigado o profissional de saúde em relação a formas rápidas e confiáveis para se formar e atualizar. O pre-

sente trabalho irá abordar as estratégias de utilização do suporte midiáticos na educação a distância de profissionais da área da saúde. O problema de pesquisa que orientou a escrita desse texto: Qual a contribuição dos recursos midiáticos da EAD na formação profissional na área da saúde? O texto está estruturado da seguinte forma: Mídias e tecnologias na EAD em uma perspectiva comunicacional; Panorama Geral da EAD: comprovando sua relevância; A EAD e a formação superior na área da saúde; Recursos midiáticos da EAD na formação dos profissionais da saúde. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa documental sobre o tema. Com o avanço e a popularização dos recursos midiáticos e o fortalecimento da EAD é possível identificar oportunidades emergentes e inovadoras para a educação em saúde. Como resultados alcançados apontam-se as evidências com relação à relevância cada vez maior de utilização de TICs na educação em saúde, sobretudo para a formação continuada de profissionais e como apoio à aprendizagem presencial em cursos de graduação.

Palavras-chave: Recursos Midiáticos. Educação a distância. Profissional da Saúde.

Abstract

Changes in communication paradigms imply advances in education, is in optical communication is that education, developments in one area enables a change in another. In recent decades technological advances have prompted the health professional in relation to rapid and reliable ways to build and upgrade. This paper will address strategies for using the media in distance education support professionals of the health area. The topics that will be described are given the titles: Media and technologies in ODL in a communicational perspective; General Overview of EAD: proving its relevance; The EAD and advanced training in health; EAD media resources in the training of health professionals. With media resources and strengthening of EAD envisions is possible to identify a vast array of opportunities for health education.

Keywords: Media resources. E-learning. Health professional.

Introdução

A mudança de paradigma comunicacional e reorganização da noção de tempo e espaço que a educação a distância (EAD) mediada por tecnologias da informação e comunicação (TICs) imprime à realidade das instituições de Educação Superior (IES) podem ser ilustradas com uma história. Era uma vez uma aula surpreendente, ministrada por um professor de sociologia utilizando a própria voz e minimamente o quadro de giz. Ele utilizou sua voz de forma cativante e instigante, compondo um ambiente de diálogo e criatividade. Lançava perguntas simples,

porém, profundas e férteis, proporcionado um momento contagiante de construção de saberes. Foram utilizadas perguntas como: “O claro pode ser escuro?”, ou ainda “Aquilo que nos parece brilhante pode se tornar ofuscado conforme o ponto de referência?”. Por meio de uma gravura, o professor pedia para comparar o cinza em um fundo branco e o cinza em um fundo preto para ver como parecia ser mais claro ou escuro. Concluíram que tudo depende do ambiente e da referência que se possui. O professor fazia outras questões intrigantes, como: “O doce pode ser amargo?”. Quando se respondia que não, argumentava: “Se você sentir azia depois, ele pode virar amargo, não é mesmo?”. Essas questões incitaram a imaginação dos alunos e suscitaram inúmeras reflexões.

Seguindo a estratégia do professor da história, lancem-se alguns questionamentos sobre a educação a distância mediada por recursos midiático, como: O distante pode ser perto? O que realmente determina a distância entre as coisas e pessoas: somente o espaço físico? Quando se está em frente ou ao lado de alguém isso significa necessariamente que estamos relacionalmente perto dessa pessoa? O aluno que divaga durante a aula, pensando em muitas coisas, mesmo olhando para o professor, está perto ou distante? Se um professor dá uma atividade qualquer para um grupo de alunos em sala de aula, enquanto corrige provas de outra disciplina, ele está perto ou distante? Com essas perguntas, chega-se à conclusão de que a aula presencial pode ser distante, se for de corpo presente e mente ausente. Assim se relativiza a noção de espaço relacional, em que o perto depende da qualidade das relações e não da distância ou proximidade geográfica. O tempo também pode ser relativo. Os minutos e as horas de todos os dias são exatamente iguais, mas pode-se sentir alguns dias como mais curtos ou mais longos. A diferença do tempo percebido está naquilo que se faz. Prosseguindo na reflexão sobre o tempo:

O amanhã de ontem é hoje, o hoje é ontem de amanhã. Assim como as novas mídias de ontem podem não ser tão novas hoje para quem já as utiliza, mas podem continuar uma grande novidade, ou mesmo desconhecidas, para quem não teve contato com elas. O hoje continua sendo ontem para essa pessoa (CASSIANI; DIAS, 2004, p. 469).

Aplicando a ideia de relatividade do tempo e do espaço à educação a distância, percebe-se que as estratégias de utilização do suporte midiático fazem toda a diferença. Uma ação poderá ser distante se for exercida por meio de textos, rádio, televisão ou programas de computador a um estudante isolado que possui pouca ou nenhuma interação com o professor e os demais alunos. Porém, as TICs possibilitam um grande poder de interação entre os participantes em um ambiente de aprendizagem cooperativa apoiada por computadores (NITZKE, 2002). Desse modo, o que era considerado distante pode se tornar perto conforme o tipo de interação realizada. Se

uma discussão via fórum virtual, por exemplo, consegue levar um aluno a expor suas ideias livremente, trocando experiências com colegas e com o professor, gerando uma oportunidade de aprofundamento mais livre do que em uma ação presencial, essa ação se tornou próxima ao indivíduo. Tem-se então uma ruptura espaço/temporal, em que o tempo e o espaço são mensurados segundo as necessidades e interesses dos envolvidos em um contexto pedagógico interativo e dinâmico. Ocorre uma transformação não somente com relação ao espaço e o tempo, mas também, nas dimensões psicológica, sociológica e pedagógica. Esse conceito vincula-se ao que Moore (1993) define como distância transacional.

Com base nesse contexto de reconfiguração de conceitos, enuncia-se o seguinte problema de pesquisa que orientou a escrita desse texto: Qual a contribuição dos recursos midiáticos da EAD na formação profissional na área da saúde? Justifica-se a reflexão direcionada para a área da saúde pela atuação profissional das autoras em uma IES que oferece cursos de graduação e pós-graduação somente nessa área, além de se uma área carente de pesquisas na área de TICs e em que as possibilidades de aplicações e contribuição são vastas e significativas.

As IES passaram a empregar metodologias pedagógicas baseadas em TICs, não aplicáveis somente para EAD, mas eficazes, também, para cursos presenciais. Para tanto, a interação midiática precisam ser estruturados com base no conceito de distância transacional, que pondera a distância educativa não sob a perspectiva física, mas sob a ótica comunicativa.

O conceito de transação denota a interação entre o ambiente, os indivíduos e os padrões de comportamento numa dada situação. A transação a que denominamos Educação a Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui como característica especial a separação física, o que conduz a padrões especiais de comportamento de alunos e professores. Com a separação física surge um espaço psicológico e comunicacional a ser transposto, este espaço psicológico e comunicacional é a distância transacional. Uma transação bem encaminhada por meio de ferramentas comunicacionais interativas e feedback adequado pode tornar o aluno próximo do professor mais do que em uma sala de aula convencional (MOORE, 1993, p. 23).

Sem considerar os desvios teóricos e práticos que possam ocorrer na implementação de ações de educação a distância, esta pode ser definida em termos ideais como um processo sócio-educacional: “contínuo e organizado, promovido por uma instituição de apoio, que permite ao aluno flexibilidade de espaço e tempo”. Nesse processo, graças à utilização de diferentes recursos midiáticos, “é possível não só transpor distâncias geográficas – e mesmo temporais – como também

engendrar diferentes níveis de diálogo e, em consequência, partilhar conhecimento e construir saberes”. (SIQUEIRA, 2003, p. 15).

A proposta desse artigo é abordar os recursos midiáticos de EAD no contexto da educação na área da saúde, com o entendimento que educação é comunicação, e desta forma, deve permitir uma interação entre os sujeitos, alunos e professores, mas também das tecnologias envolvidas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica e uma pesquisa documental referente ao objeto de pesquisa.

Mídias e tecnologias na EAD em uma perspectiva comunicacional

Mídia e tecnologia são intimamente relacionadas, frequentemente confundidas ou usadas como sinônimos, por isso, cabe uma distinção rápida. Mídia significa meio, é o termo usado para designar os meios de comunicação empregados na difusão e compartilhamento de ideias e informações de diversos tipos. A palavra tecnologia refere-se aos equipamentos e ferramentas utilizados para solucionar problemas e desenvolver ações. Evidencia-se, portanto, que a mídia, como meio de comunicação, faz uso das tecnologias disponíveis para o seu processo de compartilhamento.

Além dessa distinção entre mídia e tecnologia, cabe esclarecer a relação entre comunicação e tecnologia, que ajuda a compor o quadro teórico que embasa o estudo sobre os recursos midiáticos da EAD na formação em saúde. O pensamento de Bernard Miege auxilia a entender a relação entre comunicação e tecnologia, sobretudo no século XXI, em uma sociedade midiaticizada em um universo digital, estabelecendo uma nova vivência social, proporcionada pelos avanços tecnológicos. Com o incremento das TICs, a designação da sociedade da informação ficou mais ampla, para compreender esta nova sociedade no campo da comunicação e das tecnologias, é preciso considerar a informacionalização; a promoção das tecnologias e das redes como fator dominante ao conteúdo; a modificação e a expansão dos sistemas midiáticos; e o controle transnacional do fluxo de informação e comunicação (MIEGE, 2009).

Miege argumenta que a comunicação moderna não engloba somente a comunicação pessoal, contemplando também o que ele conceituou como “comunicação/informação”, a partir da observação de uma sociedade midiaticizada iniciada em meados do século passado. O conceito de comunicação/informação está associado a uma articulação entre os dois, que vê a informação como meio de interação entre os atores sociais. As TICs reforçam esta relação, impregnando-se na sociedade e no avanço ao longo do tempo. É o que Miege trata de “dupla mediação”, em que a “mediação é, ao mesmo tempo, técnica e, ao mesmo tempo, social” (MIEGE, 2009, p. 46).

Quando novas mídias e tecnologias surgem, geram na sociedade transformações significativas em todos os campos (físico, psíquico e socioeconômico). A evolução da humanidade sempre foi acompanhada pelo desenvolvimento tecnológico e midiático, desde as civilizações orais. Depois, nas civilizações escritas, com o surgimento dos telégrafos visuais, a criação da imprensa, a propagação do livro e dos jornais, a eletricidade, que possibilitaram a geração de outras inovações (telefone, rádio, televisão, entre outros). Mais recentemente, tem-se os satélites, computadores e novas mídias como a Internet. A evolução das mídias e tecnologias nada mais é que a evolução do pensar humano, num esforço para criar formas de vencer obstáculos, sendo o tempo e o espaço as dificuldades mais prementes de serem vencidas (POSSOLLI, 2012).

A partir da década de 1990, com a ascensão das mídias digitais, o espaço cibernético intensificou transformações sociais nos mais diversos campos da atividade humana. É o que Castells (2000) apresenta como sendo a “sociedade em rede”. Surgiram não apenas no campo da produção de mercadorias, as empresas virtuais, que têm a Internet como seu campo de atuação primordial, mas ocorreram importantes mutações socioculturais e políticas que atingiram as mídias de virtualização em decorrência da aceleração dos meios de comunicação e de informação. Constituiu-se um novo espaço de sociabilidade, não-presencial, com impactos decisivos na produção de valor e na esfera da indústria cultural e das relações humanas.

A partir do avanço da educação a distância e da ampliação da utilização da Internet, criaram-se as condições propícias para o surgimento dos Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVAs). Esses ambientes são softwares disponibilizados *online* que facilitam a interação entre a equipe pedagógica e os aprendizes em cursos a distância, criando ambientes de aprendizagem interativos com o uso das TICs. Os recursos tecnológicos operacionalizados por meio das mídias digitais podem ser agrupados em quatro eixos principais:

Tratam-se de quatro eixos que um AVA para ser considerado adequado para desenvolver ações de qualidade na EAD precisa conter. O eixo referente à documentação e informação possibilita apresentar informações institucionais do curso, divulgar conteúdos e materiais didáticos em diversas mídias, realizar upload e download de arquivos, contemplando ainda o suporte para uso do ambiente. O eixo Comunicação visa facilitar a interação entre alunos, professores, tutores e demais agentes institucionais por meio de ferramentas síncrona e assíncrona. Já o eixo de gerenciamento pedagógico e administrativo possibilita o acesso a módulos responsáveis pelas avaliações e desempenho dos alunos, estatísticas de acesso e participação e consulta a dados de secretaria do curso. Enquanto o eixo de produção comporta o desenvolvimento de

atividades formativas, resoluções de problemas e construção individual e coletiva de conhecimentos no AVA (POSSOLLI, 2012, p. 78).

A trajetória da EAD no Brasil antecede o emprego da informática na educação, por meio de ações como o ensino por correspondência, transmissões radiofônicas e tele-educação. Todavia, muitas dessas experiências partem da concepção de educação enquanto transmissão de saberes e os materiais didáticos funcionam como meios para a informação chegar a uma quantidade maior de pessoas. Se essas iniciativas, por um lado, democratizam o acesso à educação, por outro, geram um isolamento do estudante devido às precárias ferramentas de interação disponíveis.

As mídias, classificadas em três categorias, na EAD contemplam recursos como: impressos (como livros, apostilas e guias de estudo), eletrônicos (como transmissões radiofônicas e televisivas) e digitais (como os AVAs, recursos de informática e Internet). As mídias têm participação fundamental para a construção do conhecimento, mas o grande desafio está em construí-las para atingir seus objetivos pedagógicos, institucionais e sociais. Em EAD, essa adequação aos objetivos estará intimamente ligada às mídias utilizadas para sua disponibilização. É o que Andrade (2003) coloca como sendo o grande desafio da Educação a Distância (EAD), que está em produzir mídias capazes de provocar ou garantir a necessária interatividade do processo ensino-aprendizagem, onde:

o professor exerça o papel de condutor de um conjunto de atividades que procura levar à construção do conhecimento mesmo não estando presente; daí a necessidade de as mídias apresentar-se numa linguagem dialógica que, na ausência física do professor, possa garantir um certo tom coloquial, reproduzindo mesmo, em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora (ANDRADE, 2003, p. 257).

Panorama geral da EAD: comprovando sua relevância

O vertiginoso crescimento da Educação a Distância em IES públicas e privadas relaciona-se diretamente com a evolução das TICs que possibilitaram a criação de novas formas de acompanhamento e mediação pedagógica, progressos nos mecanismos de interatividade e ampliação da oferta de oportunidades de formação em nível superior. A educação a distância surge como modalidade de ensino na Educação Superior a partir da LDB 9.394/96 e subsequentemente passa a ser regulamentada por meio de diretrizes e portarias. A LDB 9.394/96 é o marco legal para

a formalização da EAD como modalidade de ensino para a Educação Superior, e ainda, propulsora de uma série de outras políticas e programas de expansão da Educação Superior. A legislação vigente apresenta concepções e orientações quanto à implementação da educação a distância nas IES, passíveis de serem analisadas. O decreto nº 5.622/2005 apresenta uma definição de educação a distância, já citada no início do capítulo:

Caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de mídias e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, Art.1).

A concepção exposta no decreto foca a tecnologia aplicada e a separação espacial e temporal entre educador e educando, que é a característica mais marcante da EAD, porém, a distância física, como visto, não significa distância transacional, graças às mídias e tecnologias que possibilitam o contato próximo e constante entre os envolvidos no processo. A LDB 9.394/96 constitui a EAD como modalidade de ensino, que só foi realmente regulamentada nove anos depois, por meio das políticas editadas a partir de 2005 (POSSOLLI, 2012), são elas:

- Decreto n. 5.622; 19/12/2005 – primeiro dispositivo legal importante destinado a esmiuçar o exposto no art. 80 da LDB/96, representando um marco na regulamentação da EAD, sofrendo alterações no Decreto 6.303/2007.
- Decreto n. 5.773; 09/05/2006 – trata das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino – sofreu algumas alterações no Decreto 6.303/2007.
- Decreto n. 6.303; 12/12/2007 – altera dispositivos dos Decretos 5.622 e 5.773.
- Portaria n. 1; 10/01/2007 – estabelece o ciclo avaliativo do SINAES.
- Portaria n. 2; 10/01/2007 – aborda os tramites de regulação e avaliação da educação superior a distância.
- Portaria n. 40; 13/12/2007 – trata sobre o e-MEC enquanto sistema eletrônico para o gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior federal.
- Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância – fornece subsídios para atos legais do poder público quanto a regulação, supervisão e avaliação na EAD.

– Portaria n. 10; 02/07/2009 – firma critérios de avaliação in loco ou a distância, tratando da autorização de cursos e credenciamento de pólos presenciais.

Os dados do Censo EAD.BR 2012, divulgados em outubro de 2013 pela ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância), revelam o panorama atual da EAD. A pesquisa contou com a participação de 284 instituições respondentes, sendo 231 instituições que oferecem cursos, ou seja, fornecem formação a distância (92% do total de instituições, representando um crescimento de 29% com relação a 2011), 21 que fornecem produtos e serviços de EAD e 32 professores independentes. Grande parte das instituições pesquisadas está nas Regiões Sudeste (46,8%) e Sul (20,2%), o restante está distribuído nas outras regiões do Brasil, com destaque para o Norte que tem aumentado a participação chegando a 7% em 2012. Uma parte razoável das instituições desenvolve exclusivamente cursos autorizados pelo MEC (27%). As que oferecem outros cursos além dos autorizados, como cursos de extensão e de formação continuada de colaboradores, representam 68% das instituições.

A EAD no Brasil chegou ao patamar de quase 6 milhões de alunos (5.772.466 em 2012). Mulheres que trabalham e têm até 30 anos representam o perfil mais comum. As alunas são a maioria (51%) nos cursos autorizados e livres, perdendo apenas nos cursos corporativos em que os homens são maioria. Segundo a pesquisa, a maioria dos estudantes tem entre 18 e 30 anos, tanto entre os cursos autorizados (50%), quanto nos cursos livres (59%). Apenas nos cursos corporativos, os alunos com idade entre 31 e 40 anos são maioria. Ivete Palange, coordenadora do Censo EAD.BR, avalia a ocorrência de uma mudança progressiva no perfil dos alunos em relação aos anos anteriores:

Antes, eram alunos mais maduros, já com alguma formação. Nos últimos anos cresceu o contingente de alunos mais novos está estudando a distância. Isso se deve, em parte, à medida do MEC que autorizou as instituições educacionais a desenvolverem 20% das disciplinas dos cursos presenciais, de nível superior, na modalidade a distância. Muitas instituições estão adotando essa medida com bons resultados e isso fez cair bastante a idade (PALANGE, 2007, p. 165).

As universidades privadas concentram a maioria das matrículas. Nos cursos autorizados, foram 69,8% dos matriculados, e 17,4% nas instituições públicas, e nos livres, 59,7% em instituições privadas. O número de universidades privadas é superior ao das públicas, assim como o de alunos, o que explica a diferença (ABED, 2013). Dentre os cursos autorizados, a maioria é de nível superior: 1.571 de um

total de 1.856. As áreas de ciências humanas e ciências sociais são as mais procuradas pelo estudante de EAD, sendo administração e gestão o curso mais oferecido pelas instituições que trabalham com ensino a distância, com 337 ao todo. Na graduação, o número de cursos tecnológicos oferecidos é de 191, e fica atrás apenas dos de licenciatura (205) e de pós-graduação lato sensu (825). Em relação ao número de matrículas em cursos autorizados em 2012, os tecnológicos (26%) ficam atrás apenas da licenciatura (30,8%). Os dados do Censo EAD.BR 2012 confirmam alguns números do Censo da Educação Superior 2012, divulgado pelo MEC em setembro de 2013. O levantamento apontou que, entre 2011 e 2012, as matrículas nos cursos a distância aumentaram 12,2% contra 3,1% nos presenciais. Assim, o EAD já representa mais de 15% do total de matrículas em graduação. Nas licenciaturas, já se passou dos 30%, ou seja, um em cada três professores no Brasil está sendo formado na EAD. Dos estudantes matriculados no Ensino Superior a distância, 72% estudam em universidades e a maioria (40,4%) cursa licenciatura. Os que optaram por bacharelados são 32,3%, e por cursos tecnológicos, 27,3%.

Esses dados demonstram o vertiginoso crescimento da EAD que foi possibilitado pelas TICs que rapidamente foram incorporadas à sociedade brasileira, de maneira mais intensificada nas últimas duas décadas. É algo muito novo, mas que mudou as esferas de interação social nos espaços públicos e privados, mudando de forma irremediável a forma como as pessoas se comunicam, em que o suporte midiático é fundamental.

A EAD e a formação superior na área da saúde

Após compreender as mudanças nas estratégias de comunicação introduzidas pelos recursos midiáticos próprios da EAD, o mapear o panorama geral de sua representatividade enquanto modalidade de ensino regulamentada pela legislação vigente no Brasil, é preciso tecer considerações específicas quando a formação dos profissionais da saúde nessa modalidade. A EAD tem como uma de suas características fundantes a flexibilidade, aumentando a oferta educativa e alavancando a revolução de práticas pedagógicas, proporcionando a reflexão crítica de conceitos tradicionais de educação, face à utilização de TICs. Sanino (2012) realizou uma pesquisa sobre os principais usos de TICs na área da saúde e cita algumas utilizações possíveis cada vez mais presentes: Informatização de atividades administrativas de hospitais, clínicas e laboratórios; Sistemas de apoio à Decisão em Saúde; Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE); Capacitação para utilização de mídias digitais na saúde, visando a sistematização do conhecimento para qualificar a assistência e a gestão; O uso dos recursos da Internet (inclusive por meio da utilização da rede *wireless* institucional); Comunicação realizada por meio dos

chats, comunidades e bibliotecas virtuais, *Sites* na Internet, Sistemas de informação em Enfermagem, Ambiente Virtual de Aprendizagem, Recursos em Multimídia, Videoconferências e Simuladores virtuais.

As TICs aplicadas à formação em saúde devem enfatizar o desenvolvimento de habilidades que permitam a busca em sites acadêmicos e banco de dados da área da saúde; o conhecimento de elementos éticos aplicados na utilização da informática em saúde e a utilização das tecnologias como ferramentas no exercício diário na profissão (uso de softwares de auxílio a tomada de decisão, simuladores, documentação) e prontuário eletrônico, possibilitando a atualização ou acréscimo de conhecimento em informática de forma relevante e efetiva. Com relação ao ensino, os docentes podem se beneficiar do uso de registros acadêmicos de diários de classe e atividades online, vídeos instrutivos, correio eletrônico, fórum de discussão, videoconferência, portfólio na *web*, entre outros recursos. Contudo, um dos desafios postos para que ações a distância via TICs se efetivem nos cursos de graduação é a inclusão digital. As tecnologias digitais fazem parte irreversível do cotidiano no século XXI (celular, GPS, notebook, tablet, entre outros), porém, uma parcela significativa da população permanece excluída de oportunidades de acesso à Internet banda larga e equipamentos de uso pessoal. Desse modo, as IES precisam considerar a necessidade de criar estratégias de capacitação docentes e discente, além de manter espaços com computadores para que os alunos possam acessar as TICs selecionadas para complementar a aprendizagem que ocorre no presencial.

Existem muitas razões para a utilização de TICs na educação em saúde, dentre elas, pontua-se o fato de que cada vez mais Hospitais, Clínicas e Organizações relacionadas à atuação do profissional fazem uso de métodos de registro, documentação e comunicação eletrônica, o que tem transformado a informática em uma parte importante do currículo. Uma outra razão a ser destacada é a necessidade de familiarizar os profissionais para que busquem a utilização consciente da informações via Internet. Sendo desejável que aprendam a utilizar a Internet para comunicação com seus pares, orientação de pacientes, coordenação de grupos de autoajuda, pesquisa de medicamentos e condutas de tratamento, atualização profissional, entre outras possibilidades oferecidas pela grande rede mundial de computadores.

e formatos. Neste cenário, destaca-se a Nas últimas décadas, foi implementada uma política expansionista da educação superior no Brasil. Medidas que vêm como resposta às demandas de mercado e às pressões de grupos da sociedade civil para abertura de novos cursos maior abertura de vagas para formação superior no período noturno e na modalidade a distância. Especificamente para os cursos da área da saúde, a modalidade a distância é uma experiência nova e que carece de acompanhamento e pesquisas quanto aos seus resultados efetivos, o que já não ocorre para cursos da área de ciências humanas e sociais, em que existem centenas de cursos nessa modalidade.

Como exemplo, uma vez que não se pode abordar todos os cursos da área da saúde, são analisados alguns dados da graduação em Enfermagem. Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2011, divulgados no 2º semestre de 2012, no Brasil, são oferecidas 19.680 vagas na EAD, por meio de 291 pólos com oferta de cursos de Graduação em Enfermagem, em duas instituições, aqui denominadas de A e B. A instituição A oferece 16.800 vagas em 240 pólos de apoio presencial, enquanto a instituição B oferece 2.880 vagas em 51 pólos. (TEIXEIRA, 2013).

O Gráfico 1 demonstra que os pólos de EAD para cursos de Graduação em Enfermagem estão concentrados na região sudeste, onde a instituição A conta com 111 pólos (46% dos pólos da IES) e a instituição B com 35 pólos (68%). A região com o menor número de pólos é a norte, juntando as duas IES tem-se somente 7,5% do pólos para Enfermagem nos sete Estados dessa região. Foi observada uma predominância da instituição A na maior parte do território nacional, exceto no Estado do Rio de Janeiro, onde houve maior predomínio da instituição B com 32 pólos.

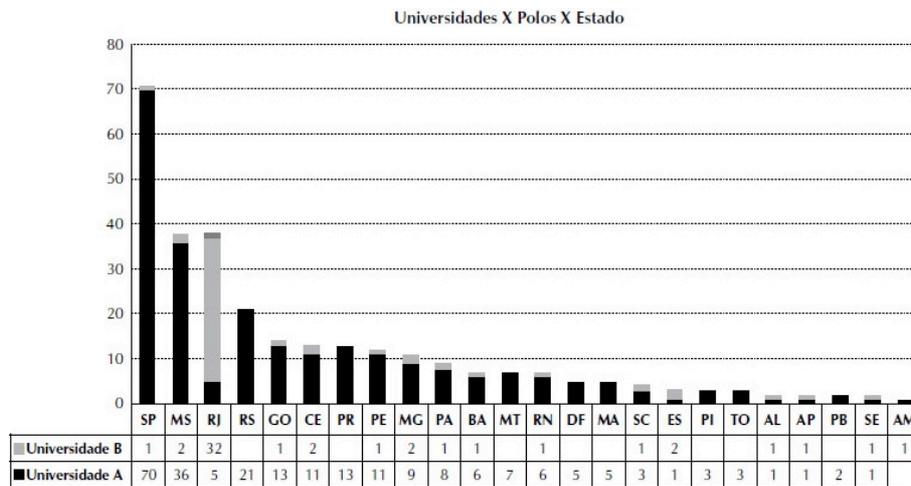


Gráfico 1 – Distribuição dos pólos de EAD de graduação em Enfermagem, por IES e Estado, 2013

Fonte: TEIXEIRA, 2013, p. 106.

Uma vez que se entende que a educação a distância pode ser uma importante estratégia de democratização do ensino, de modo especial para regiões de difícil acesso à educação no país. Contraditoriamente, a oferta de ensino a distância para Graduação em Enfermagem, ainda que autorizado por Portaria Ministerial, aponta para uma concentração maior nas regiões onde já há grande oferta de cursos presenciais. A mesma tendência é percebida em outras graduações na área

da saúde. Sabe-se que a EAD para a graduação não ocorre 100% a distância e que o aluno tem estágio e momento presenciais, porém, trata-se de um desafio utilizar esta modalidade, em que professor e aluno não se encontram, na maior parte do tempo, presentes fisicamente, para desenvolver a característica intrínseca da formação em saúde que requer o contato humano presencial em trocas que se estabelecem no ato de cuidar.

A oferta maciça de vagas para graduação em saúde a distância na região que é detentora do maior número de vagas para o curso presencial e aquela com melhores índices de desenvolvimento socioeconômico acaba por reforçar as desigualdades. Desse modo, seria interessante se as políticas públicas de EAD fornecessem incentivos para que as IES credenciadas estruturassem pólos nas regiões com maior carência de oferta de formação profissional. De modo que a EAD auxiliasse, com seu suporte midiático que possibilita romper barreiras de tempos/espacos, preenchendo a lacuna que a modalidade presencial não tem conseguido suprir.

Recursos midiáticos da EAD na formação dos profissionais da saúde

A trajetória da formação dos profissionais de saúde não é diferente das demais. Na evolução desta formação, foi vivenciada a audiência passiva "O professor fala e o aluno escuta". Esta comunicação na época era determinada pela centralidade no processo educacional na figura do professor, a estrutura curricular não permitia uma integração do conhecimento, uma vez que as disciplinas não eram articuladas. Além desta fragmentação, os conteúdos e métodos de ensino eram iguais para todos os alunos, o que eliminava a individualidade.

O novo cenário da educação dá um salto nas relações entre aluno e professor, ou melhor, entre aluno e facilitador. Esta modificação estimula uma nova forma de comunicação promovida pela globalização, TICs, novas metodologias de ensino, estruturas curriculares interdisciplinares e transdisciplinares. Esta agora personalizada e sem interferência de tempo e espaço. O desenvolvimento tecnológico vem transformando o modo dos indivíduos se relacionarem, constituírem conhecimento e comunicarem-se.

No cenário atual de práticas e políticas de EAD, defende-se os profissionais da saúde devem ser formados, prioritariamente na modalidade EAD, com credenciamento de EAD para instituições que contemplem em seu projeto o atendimento a regiões com carência de vagas e utilizando momentos presenciais para práticas que não possam ser realizadas com suporte midiático. Para os cursos presenciais, os recursos comunicacionais da EAD devem contribuir como apoio ao que ocorre em sala de aula, por meio de metodologias ativas e interações midiáticas que extrapolem o que é feito no tempo estanque da sala de aula. Para viabilização de

cursos de graduação em saúde a distância, com qualidade, faz-se necessário que sejam editadas diretrizes específicas e políticas de acompanhamento que assegurem que o apoio nos pólos presenciais e campos de estágio correspondam às mesmas oportunidades de formação que os alunos que se formam na modalidade presencial têm acesso.

De acordo com a legislação vigente (LDB art. 81 da Lei 9394/96, art. 1º do Decreto n. 2494/98, portaria n. 4059/2004), as instituições de Ensino Superior podem oferecer disciplinas do currículo, na modalidade semipresencial, com até 20% da sua carga horária na modalidade a distância (por meio de disciplinas integrais ou parte da carga horária de diversas disciplinas). É desejável que as IES recebam orientações de órgãos reguladores quanto à escolha das disciplinas que serão ofertadas, para que sejam selecionadas disciplinas periféricas e de caráter mais teórico. As possibilidades que as TICs proporcionam são vastas e inegáveis, sendo possível realizar estudos de caso com recursos de simulação e realidade virtual até troca de conhecimentos e pesquisas em parceria com outras instituições de formação e de atuação profissional, trazendo vivências significativas que não seriam possíveis sem as TICs. Desse modo, defende-se essa possibilidade de utilização da EAD como apoio ao ensino presencial e dentro do limite de 20% da carga horária (com encontros e apoio presencial) e seguindo critérios bem definidos.

Outra possibilidade está em utilizar os recursos da EAD para fornecer formação complementar aos alunos. Várias IES públicas e privadas têm fornecido aos alunos cursos de nivelamento em área como Língua Portuguesa, Redação e Matemática para auxiliar os alunos a superar possíveis deficiências do Ensino Médio que possam interferir na aprendizagem na Educação Superior. Reportagens em jornais de grande circulação relatam essas experiências:

Cursos de nivelamento costumam ser gratuitos e ofertados fora do horário das aulas regulares. Têm como foco principal os calouros, pois o ideal é que o estudante supere suas deficiências de formação já no início da vida acadêmica. Em algumas instituições as aulas são opcionais e contam como atividade complementar, sendo ainda realizadas com apoio de softwares específicos que possibilitam estudar a distância (GAZETA DO POVO, 2013).

Cursos de extensão universitária para formação complementar dos estudantes podem ser oferecidos a distância, fornecendo horas de atividades complementares, aprofundando temáticas que o tempo de sala de aula não permite abordar. Um campo vasto para a EAD é o de formação em serviço para os profissionais que trabalham em organizações da saúde, a chamada educação corporativa. Ou ainda, a formação continuada para os profissionais da saúde graduados que trabalhem nos mais diversos ramos que o escopo profissional permite. Profissionais que estejam

fora do mercado e desejem se atualizar em pontos específicos de atuação podem se beneficiar das possibilidades que as TICs aplicadas à EAD oferecem.

O crescimento exponencial do conhecimento nas ciências médicas e da saúde traz um grande problema para o estudante e para o profissional dessa área: excesso de informação científica nova e obsolescência acelerado dos conhecimentos adquiridos na vida acadêmica. A esse respeito Sabattini e Cardoso (2012) pontuam que:

O acesso tradicional à informação por meio das bibliotecas médicas dificulta o ensino e a aprendizagem fora das grandes capitais e das grandes instituições. Sem atualização de conhecimentos teóricos e práticos, o profissional rapidamente perde competitividade e qualidade profissional, sendo alijado do mercado em poucos anos, dependendo de sua especialidade, de maneira notável nas ciências da saúde (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p. 198).

Nas últimas décadas, o volume de novas descobertas científicas e avanços tecnológicos tem se intensificado e o profissional precisa buscar formas rápidas e confiáveis para estar atualizado. Um bom exemplo da aceleração da produção de conhecimentos na área da saúde é a Medline, a maior base digital de publicações periódicas do mundo, mantida há cerca de meio século pela National Library of Medicine dos Estados Unidos. É espantoso perceber que em 1970 a Medline congregava cerca de 1,8 milhão de artigos e recebia cerca de 200 mil novos artigos por ano. No primeiro trimestre de 2011, a base possuía mais de 19 milhões de artigos, recebendo cerca de 1 milhão de novos artigos por ano. (SABATTINI; CARDOSO, 2012).

Vários estudiosos da educação para a área da saúde, como Barnett (1995), Guimarães e Sena (2002), Christante (2007), Sabattini e Cardoso (2012), entre outros, constataam que o modelo educacional usado nos cursos de graduação em saúde tem permanecido estático e resistente a mudanças por muito tempo. Os professores realizam os mesmos tipos de aulas e abordagens pedagógicas, com pouca inovação, centrando o aprendizado em sua própria figura como controlador e agente do processo institucional. “O ensino de graduação em saúde no Brasil é excessivamente paternalista, com um número muito grande de aulas magistrais, o que o torna muito dependente de um ensino presencial obrigatório” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p. 199).

Novos modelos de ensino médico, baseados em problemas (Problem Based Learning – PBL) e em trabalhos em grupo (Team Based Learning – TBL), horizontalização de conteúdos e disciplinas, temas transversais, projetos interdisciplinares, grupos de pesquisa, entre outros, têm ganhado espaço e inovado em algumas instituições. Porém, é notável que esses “novos modelos encontram resistências para penetrar nas mais de 600 faculdades e cursos de graduação nas

14 profissões reconhecidas da área de saúde no Brasil. Esses novos modelos uso de tecnologias educacionais mediadas por computadores é de capital importância” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p. 200). É fato que o avanço tecnológico não pode ser negado, nem as novas formas de comunicação introduzidas, passa-se a viver em uma sociedade da comunicação generalizada, facilitada pelos recursos midiáticos.

Considerações finais

As relações em sociedade vêm sendo revolucionada pela Internet, na qual é possível se comunicar em tempo real com qualquer parte do globo terrestre e com um custo bastante reduzido. As novas mídias incorporadas nas tecnologias de comunicação sinalizam profundas transformações nos processos comunicativos.

A EAD consolidou-se como modalidade de ensino para a Educação Superior no Brasil nos últimos anos. Segue as regulamentações citadas, além das diretrizes curriculares e demais normativas que cada curso de graduação ou pós-graduação precisam observar. Para muitos estudiosos da Educação Superior está suficientemente claro que “a história da educação em saúde será classificada em duas eras distintas: antes e depois da Internet”. (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p. 205). Os recursos da educação a distância constituem, por meio das TICs, uma inovação necessária ao ensino na área da saúde. Essa inovação não ocorre apenas em termos de espaço e tempo, mas também em dimensões psicológica, sociológica e pedagógica permitindo que a educação se torne mais abrangente.

Para alguns profissionais da saúde, tradicionalmente avessos e resistentes às TICs, a mudança a ser feita é basicamente cultural e concernente aos hábitos de trabalho. Uma proporção cada vez maior de profissionais da saúde está aculturada com as TICs por meio da revolução trazida pela Internet à sociedade em geral, para eles a evolução é natural à medida que utilizando recursos da informática como suporte às atividades diárias dentro e fora da profissão.

Tem-se por óbvio que alguns conhecimentos de formação em saúde exigem o aprendizado vivencial e de “beira de leito”, como contato presencial, mas isso não impede que as TICs possam auxiliar nesse processo. Um estudante de graduação em saúde precisa ser orientado a aprender na vivência presencial com os pacientes como conduzir estratégias para entrevistá-los, buscando perceber o que está além do dito e expressado. Porém, as técnicas e dicas para o relacionamento presencial podem ser trabalhadas por meio de TICs, com suporte de textos, vídeos e simuladores, sendo indispensável a prática para validar a aprendizagem. Porém, uma coisa não exclui a outra, sendo as TICs complementares à instrução presencial.

Com a demanda crescente por educação continuada, e com a maior utilização de TICs na educação presencial em todos os níveis, apresentam-se desafios

para o futuro da EAD em saúde no Brasil. Um dos desafios é ampliar a oferta de educação continuada de qualidade, certificada e com custo justo para milhões de profissionais da saúde no Brasil. Segundo dados de 2012, há um contingente de “350 mil médicos, 1,2 milhão de enfermeiros, 200 mil dentistas, com um crescimento médio anual variando de 5 a 20%” (SABATTINI; CARDOSO, 2012, p. 206).

A grande dispersão geográfica e desigualdade de distribuição desses profissionais tornam a EAD uma modalidade pertinente para levar educação para todos. A interiorização e distribuição proporcional de profissionais da saúde em todas as regiões do país é uma necessidade urgente há bastante tempo. A EAD tem condições de ajudar a reverter esse quadro. Para se ter uma ideia da desigualdade das oportunidades de acesso à saúde no Brasil, dados do CFM de 2011 mapearam a distribuição dos médicos, aferindo que 89% dos médicos residiam nas 160 maiores cidades brasileiras, ao passo que, os 11% restantes estavam em 2.600 cidades. Somente o Estado de São Paulo detém um terço dos médicos brasileiros. (CFM, 2013).

Sabe-se que a integração das novas tecnologias digitais ao ambiente educacional impõe mudanças estruturais ao papel das IES, à postura discente e às formas de ensinar e avaliar. A educação auxiliada por TICs deve fornecer subsídios para a construção do conhecimento, sendo que o professor exercerá o papel de mediador desse processo. A formação do enfermeiro está voltada para o atendimento às necessidades de saúde do indivíduo e da coletividade, utilizando para isso os meios tecnológicos compatíveis com os avanços atuais.

Os estudantes de EAD, mesmo utilizando um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), produzem o conhecimento em uma relação mais próxima, tanto em tempo quanto em espaço, com o material didático do que o que ocorre no presencial. Por isso, os materiais disponibilizados precisam ser dialógicos e possibilitar que o aluno se sinta atendido em suas dúvidas e inquietações, fornecendo uma abordagem integrada ao apoio que o professor-tutor fornece. É o material didático postado no AVA (em suas várias mídias) que acompanha o aluno passo a passo no processo.

Pontua-se a necessidade de se direcionar a elaboração do material didático para EAD nas premissas da “dialogicidade, criticidade, flexibilidade, autonomia e convergência de mídias compreendendo que, em EAD, o material didático é mais que um auxílio pedagógico, é um coprotagonista do processo” (SALES, 2010), um instrumento sobre o qual são depositadas responsabilidades importantes pela efetividade das propostas pedagógicas em EAD.

O momento histórico e cultural intensificado nas últimas duas décadas trouxe uma grande demanda por educação e conhecimento no contexto da globalização. Essa demanda vinculada às tecnologias de informação e comunicação contribuiu para o desenvolvimento e consolidação da EAD “como modalidade do futuro, provavelmente

vivendo novas etapas, com ênfase na integração de meios, em busca da melhor e maior interatividade". (SARAIVA, 1996, p. 17).

Um dos pontos fortes da globalização é a comunicação não mais limitada a tempo e espaço. Da leitura impressa (que ainda dá suporte a várias ações em EAD) passou-se para a leitura eletrônica (em monitores de variados equipamentos) em dispositivos conectados à redes de computadores e à Internet. Rompe-se com o sentido tradicional de nação, em que as populações de diversas regiões passam a viver em uma rede composta por interações eletrônicas, efetivando um processo contínuo de produção, reprodução e universalização cultural, sistemático e generalizado, potencializado por variados recursos tecnológicos (IANNI, 1997). Essa rede comunicacional e tecnológica possibilita e fortalece a EAD, gerando um leque imenso de oportunidades para a educação em saúde. Oportunidades que vão desde a utilização dos recursos midiáticos no EAD apoiando a aprendizagem presencial nos cursos de graduação, como também, na formação continuada do profissional de saúde.

Referências

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **Censo EAD.BR: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2012 = Censo EAD.BR: Analytic Report of Distance Learning in Brazil** [traduzido por Opportunity Translations]. Curitiba: Ibpex, 2013.

BARNETT, G. Information technology and medical education. **Journal of American Medical Informatics Association**. v.2, n.5, set.1995, p. 285-295. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles>>

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº. 9.394, de 20.12.1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto n. 2.494, de 10.02.1998**. Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n. 9.394/96). Diário Oficial da União, Brasília, 10/02/1998. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cead/pdf/D2494.pdf>>

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Ministerial nº. 4.059, de 10 de dezembro de 2004**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 dez. 2004. Disponível em: <portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>

CASSIANI, S. H. De B.; DIAS, D. C.. Educação de Enfermagem sem distâncias. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. n. 38. 2004, p. 467-74.

CFM. Conselho Federal de Medicina. **Demografia médica no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/pdfs/DemografiaMedicaBrasilVol2.pdf>>

CHRISTANTE, L. et.al. **O papel do ensino a distância na educação médica continuada: uma análise crítica**. Revista da Associação Médica Brasileira, v.49, n.3, p.326-329, 2007. Disponível em: <www.virtual.epm.br/material/tis/amb.pdf>

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Minuta ao Ministério da Educação sobre Cursos de Graduação em Enfermagem na modalidade à distância**. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/cofen-recomenda-que-cursos-de-enfermagem-a-distancia-nao-sejam-reconhecidos_16039.html>

GAZETA DO POVO. **Calouros passam por nivelamento**. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/vida-universidade/vestibular/conteudo.phtml?id=915413> Acesso em: 23 nov. 2013.

GUIMARÃES, E. M. P.; SENA, R. R. **Tendências da Educação em Enfermagem: reflexão sobre a formação de recursos humanos de enfermagem usando metodologias não convencionais**. [CDROM]. 2º Seminário Internacional de Tecnologias para EAD; 2002 junho 19-21; Uberlândia, Minas Gerais. Uberlândia: NACSM/UFU; 2002.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MIEGE, B. **A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação: entre inovação e enraizamento social**. São Paulo: Paulus, 2009.

MOORE, M. G. Theory of transaction distance. In: KEEGAN, Desmond (org.) **Theoretical principles of distance education**. London: Routledge, 1993. p. 22-38.

NITZKE J.A.; CARNEIRO M.L.F.; FRANCO S.R.K. **Ambientes de aprendizagem cooperativa apoiada pelo computador e sua epistemologia**. Rev Inform Educ: teor práct 2002; 5(1):13-23.

PALANGE, I. **Cursos online: um jogo de faz de conta?**. In: IV Symposium of Education, Cybernetics and Computer Science - jul/07, 2007, Orlando. IV Symposium of Education, Cybernetics and Computer Science - jul/07. Orlando: International Institute of Informatics and Systemics, 2007. v. II. p. 162-167.

POSSOLLI, G. E. **Políticas de Educação Superior a distância e os pressupostos para formação de professores**. Tese de doutorado apresentada ao setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

SABATTINI, R. M. E; CARDOSO, S. H. O setor de saúde e a EAD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs). **Educação a distância: estado da arte**. 2.ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

SALES, M. V. S.; NONATO, E. do R. S.. **Ead e Material Didático**: Reflexões sobre Mediação Pedagógica. IEA Instituto de Estudos Avançados. Disponível em: <<http://iea.org.br/ead-e-material-didatico-reflexoes-sobre-mediacao-pedagogica>>

SANINO, G.E. de C. **Educação a distancia em Enfermagem**: fascínio e desafios. São Paulo: UNIP, 2012.

SARAIVA, T. Educação a distância no Brasil: lições da história. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.70, abr/jun 1996.

SIQUEIRA, V. L. A. **Representações em educação on-line**: um estudo das 'falas' na perspectiva dos sujeitos aprendizes. Brasília: UnB, 2003.

TEIXEIRA, E. et al. Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. Revista **brasileira de enfermagem**. [online]. Vol. 66, p.102-110. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000700014&script=sci_arttext> Brasília: setembro/2013.